

OS COMPOSTOS NO CRIOULO PORTUGUÊS DA GUINÉ-BISSAU

Hildo Honório do Couto
Universidade de Brasília
Maria Aparecida Curupuná da Rocha Mello
hiho@unb.br

Abstract: Compounding is one of the most widespread morphological processes in languages around the world. In Guinea-Bissau Creole it is very frequent, including reduplication, which will not be dealt with here. In this creole, expressions like “kau di sinta” (where to sit down) are difficult to be classified as a single item of the vocabulary or as a phrase. Our thesis is that departing from semantics, not from syntax, we have a surer way of deciding whether we have a word or a phrase. In other words, as was the case with the “Wörter und Sachen” movement in dialectology, expressions like this designate a single object, namely bench. Knowing this, we can go to syntax, where we see that they can be preceded by determiners, be subject of sentences and so on, like any substantive.

Key-words: Creole, morphology, reference, syntax.

1. Introdução

O crioulo português da Guiné-Bissau é um dos menos estudados do mundo. Sobre sua morfologia, por exemplo, há muito pouca coisa publicada. Talvez o único trabalho dedicado exclusivamente a ela seja Melo (2007), sobre a produtividade morfológica. O pouco que se tem são algumas páginas em obras maiores, como, por exemplo, Scantamburlo (1981, 1999), Doneux & Rougé (1988), Couto (1994) e Kihm (1994). Em termos de estudos especializados, um dos poucos que conhecemos é a análise que foi feita em (Couto 2000) sobre a reduplicação nos crioulos portugueses em geral, aí incluso o guineense.

Nosso objetivo aqui é investigar os compostos crioulo-guineenses. Contrariamente à esmagadora maioria dos estudos de morfologia, que enfatizam o argumento sintático, nós consideramos a semântica como forne-

cedora de um critério importante para se decidir se determinado complexo lexêmico é um composto ou uma frase. É claro que a sintaxe também é importante. No entanto, de acordo com nosso ponto de vista, a semântica é mais importante. A sintaxe vem apenas confirmar se, ao se enquadrar na estrutura de um enunciado, esse complexo se comporta como uma palavra ou como uma frase. No entanto, comportar-se x como y não significa que x é y. O “é” só pode ser dado pela semântica.

Resumindo, nós vamos tentar analisar os compostos no crioulo português da Guiné-Bissau, partindo do critério semântico, considerando o sintático como um auxiliar dele. Constatada a referência do complexo em questão, sua distribuição na frase é uma boa evidência a confirmar, ou não, se se trata de uma palavra ou de uma frase. Primeiro a referência; segundo, a distribuição (sintaxe).

2. A tradição

Com o advento do estruturalismo, definições como as de (1) e (2) passaram a ser algo como um palavrão.

- (1) Substantivo é todo nome com que designamos os seres (Ali 1969: 31)
- (2) Substantivo é a palavra com que nomeamos seres animados ou inanimados, por ex.: *Paulo, mulher, leão, árvore, alma, anjo, rei.*” (Pereira 1958: 80).

Dizer que preposição é a palavra que designa relações observáveis nos fenômenos do mundo, como fazia os seguidores da *Grammaire générale* (Arnault & Lancelot 1969), seria considerado mais absurdo ainda. Nesse tradição, preposição é aquela palavrinha que liga outras palavras. Assim, o mesmo autor que forneceu a conceituação semântica de substantivo em (2), define preposição em termos estritamente sintáticos. De acordo com ele, “preposição é uma palavra *conectiva*, que relaciona sempre na frase dois termos, um *antecedente*, que é o seu termo *regente*, e outro *consequente*, que é o seu termo *regido* ou *complemento*” (Pereira 1958: 366).

Sobretudo a partir de Chomsky (1957), o critério sintático passou a ser norma na linguística. As categorias lexicais devem ser definidas por critérios sintáticos. Praticamente todos os morfólogos modernos seguem a orientação de que a língua é apenas uma estrutura, a ser analisada estruturalmente. Para Monteiro (2002: 184), por exemplo, a diferença entre (3) e (4) é pura e simplesmente sintática, embora ele não seja um gerativista radical.

- (3) O Mato Grosso crescerá muito
- (4) O mato grosso crescerá muito.

É bem verdade que em (3) o artigo definido é determinante do todo “Mato Grosso”, ao passo que em (4) ele determina “mato” em primeiro lugar. A presença do adjetivo é opcional. Para nós, “Mato Grosso” (3) designa uma região específica do Brasil ou, melhor dizendo, um estado. Em (4), por outro lado, “mato grosso” designa qualquer “mato” que por acaso seja espesso, “grosso”. Dito de outro modo, aqui “mato” se refere a um tipo conhecido de vegetação, enquanto que “grosso” atribui uma qualidade a essa vegetação, referindo-se a sua alta densidade.

Apesar da ênfase atual no critério distribucional, sintático, a concepção anterior, que era basicamente sintática, tem uma nobre linhagem, inclusive a que serviu de inspiração para Chomsky, ou seja, a gramática geral de Arnault & Lancelot. Eles dizem:

“Les objets de nos pensées sont ou les choses, comme *la terre, le soleil, l’eau, le bois*, ce qu’on appelle ordinairement *substance*; ou la manière de choses, comme d’être *rond, d’être rouge, d’être dur, d’être savant*, etc. ce qu’on appelle *accident*.” (Arnault & Lancelot 1969: 25).

Em português, “os objetos de nossos pensamentos são ou as coisas, como a *terra, o sol, a água, o bosque*, o que normalmente chamamos *substância*, ou o modo das coisas, como de serem *redondas, vermelhas, duras, sábias* etc., o que chamamos *acidente*”. Se são categorias aristotélicas consideradas por alguns ultrapassadas, não vem ao caso no momento. O importante é que a gramática filosófica (outro nome para a gramática geral) se valia basicamente de critérios semânticos. Tanto que explicava advérbios como *sapienter* (sabiamente) como equivalendo a *cum sapientia* (com sabedoria). Quanto a *hodie* (hoje) seria o equivalente de *in hoc die* (em este dia). Com isso, “aqui” seria “em este lugar”; “assim”, “em/de este modo” e assim por diante.

Como disse o velho Jakobson, a língua existe para a comunicação, e tudo nela existe em função disso, por mais indiretamente que seja. Nós comunicamos sobre as coisas do mundo, inclusive de mundos criados por nossa imaginação. Portanto, as palavras existem para falarmos dessas coisas, referem-se a elas, mesmo que, em alguns casos, possam ser (e o são) usadas em sentido figurado, como se diz na tradição lexicográfica. Mas, a base referencial sempre está lá. Do contrário, ou seja, se cada falante pudesse usá-las para se referirem ao que quisessem, ao seu talento, não haveria comunicação. Enfim, como está demonstrado em Couto (2007), a língua nasceu para

falar do mundo. Só que, após formada, ela adquire uma relativa autonomia frente a ele, o que não quer dizer autonomia total.

3. Transparência/opacidade nos compostos guineenses

Em Couto (1994: 84), foi sugerido que os complexos vocabulares que podem ser encarados como compostos de algum modo no guineense podem apresentar transparência total (5), transparência parcial (6) ou transparência zero, ou opacidade (7).

- (5) transparência total: *kau-di-sinta* ‘assento’, *laba-kurpu* ‘banhar-se’, *mora-juntu* ‘coabitar’, *bida-magru* ‘emagrecer’, *pañã-raiba* ‘enfurecer-se’;
- (6) transparência parcial: *omi/minjer garandi* ‘ancião/anciã’, *susu korson* ‘mau’, *kuku-di-obu* ‘testículo’, *sol-mansi* ‘amanhecer’;
- (7) transparência zero ou opacidade: *raca-tara* ‘namorar’, *laba-remu* ‘gorjeta’, *mara-panu* ‘deflorar’, *manda-kabás* ‘dote’, *iran-segu* ‘pitão, boa, sucuri’.

Essa classificação apresenta vários problemas. No entanto, ela tem por base a relação de referência que existe entre palavra e coisa, quer partamos da perspectiva semasiológica, quer da onomasiológica. Ela vai na direção da concepção de que língua existe para falarmos do mundo, de que ela **é o como os membros da comunidade comunicam entre si, verbal ou gestualmente**.

A classificação (5)-(7) mostra, adicionalmente, que poderíamos estabelecer escala de lexicalização nos termos compostos. Em (7) teríamos os mais lexicalizados. Os exemplos de (5) são os menos lexicalizados, quase se confundindo com frases. Os de (6), por seu turno, estariam a meio caminho entre os dois extremos.

4. Outros tipos de compostos guineenses

Existem outros compostos no guineense que às vezes parecem não sê-lo. Outros, porém, constituem claramente um único item lexical, como os de (8).

- (8)
- (a) *omi/minjer garandi* ‘ancião/anciã’
 - (b) *sol notsi* ‘anoitecer’
 - (c) *sol mansi* ‘amanhecer’
 - (d) *susu korson* ‘pessoa má, insensível’
 - (e) *raca-tara* ‘namorar’
 - (f) *laba-lua* ‘menstruar’

Como aconteceu com os exemplos de (5)-(7), também os de (8) podem ser avaliados quanto à transparência. Assim, os de (a)-(c) são relativamente transparentes; o de (d) é menos transparente, mas não totalmente opaco; os de (e)-(f), por fim, são inteiramente não transparentes, opacos. O fato de alguns virem separados (ou unidos) por hífen, e outros não, se deve a mera convenção gráfica.

Com relação a outros presumíveis compostos, não temos tanta certeza sobre sua transparência/opacidade. Sequer temos certeza se se trata de compostos ou de frases feitas, como é o caso dos exemplos de (9).

- (9)
- (a) *pasa ku mon* ‘abusar’ (ir além dos limites)
 - (b) *pasa ku sonu* ‘adomercer’ (cair no sono?)
 - (c) *paja di kema pitu* ‘tabaco, cigarro’
 - (d) *duensa di pe moli* ‘paralisia infantil’
 - (e) *tira na mama* ‘desmamar’
 - (f) *iagu na uju* ‘lágrima’
 - (g) *na roda di* ‘à volta de, ao longo de’

Não podemos nos deixar levar pela tradução, que vale para o português. O complexo deve ser analisado no contexto a que pertence, pelo que vale no guineense.

5. As reduplicações

Outra construção que se enquadraria na categoria dos compostos é a reduplicação, embora ela conste apenas de um lexema seguido de seu clone, com algumas variações morfofonêmicas em alguns casos. No crioulo guineense, a reduplicação no guineense não altera a categoria da palavra, apenas indica mais intensidade. Em (10) temos alguns exemplos.

(10)

(a) *baja* ‘dançar’: *baja-baja* ‘dançar sem parar’(b) *ianda* ‘andar’: *ianda-ianda* ‘andar por todos os lados’(c) *fura* ‘furar’: *fura-fura* ‘penetrar em todos os lados’

Em português também há reduplicações. No entanto, elas têm função de derivar substantivo a partir de verbo. Alguns exemplos são *empurra-empurra*, *troca-toca*, *bate-bate* etc.

Em Couto (2000), temos um estudo relativamente pormenorizado sobre a reduplicação não só no guineense, mas nos crioulos de base lexical portuguesa em geral. Couto (1999) é dedicado à reduplicação em português.

6. Casos polêmicos

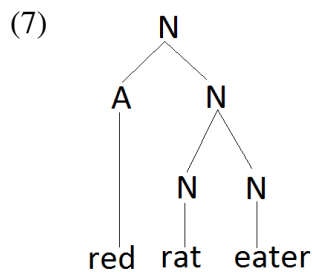
Há casos em que é difícil de se saber se se trata de um composto ou de uma frase. Por exemplo, “óleo de fígado de bacalhau” é aquele óleo que é comercializado sob a marca X (composto), ou é aquele óleo que foi extraído do fígado do bacalhau (frase)? Esse problema parece estar presente na maior parte do que acima foi denominado “compostos transparentes”, sobretudo os que apresentam transparência total.

Uma coisa importante para se ter em mente é que o composto é uma palavra. Mas, o que é a palavra? Segundo Wittgenstein (1968), no aforismos 4.01 e 3.2, por exemplo, palavra refere-se a uma coisa; frase, a uma combinação de coisas, a um estado de coisas. Deixando de lado por enquanto o fato de haver palavras que não designam coisas, mas eventos, qualidades, relações etc., parece que “óleo de fígado de bacalhau” pode ser tanto uma frase que tem como núcleo “óleo”, sendo o restante adjunto, quanto a palavra que designa o óleo em questão. Nesse caso, ela poderia ser escrita como “óleo-de-fígado-de-bacalhau”. Aliás, praticamente todos dicionários definem palavra nesse sentido, ou seja, semanticamente. Os que acrescentam o critério sintático, fazem-no adicionalmente, não como a parte principal da definição. Assim sendo, todo complexo que se refira a um único ser é, em princípio, uma palavra composta.

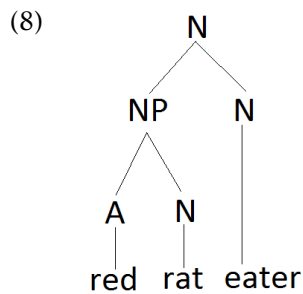
7. O critério sintático

Como já dito, depois de averiguado se o complexo reporta a um único referente (coisa, ação etc.), ou seja, após relacioná-lo ao mundo ou meio ambiente da língua, é preciso também pô-lo em relação com as demais pala-

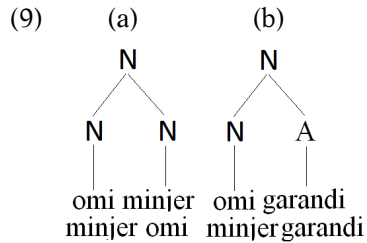
bras com que coocorre, vale dizer, é preciso recorrermos à sintaxe. Para Pinker (2000: 183), “a primeira lei da língua’ é: ‘cadeias não são nada; árvores são tudo’”, ou seja, o mero encadeamento de elementos não quer dizer nada. Só sua estrutura interna tem importância. Logo a seguir, reportando-se a Peter Gordon, Pinker acrescenta que se quisermos distinguir uma palavra de uma frase a regra é: “A primeira se baseia na estrutura arbórea; a segunda, no sentido” (p. 184). Pinker afirma que sequência “red rat eater” pode significar duas coisas, dependendo de como é analisada. Interpretada como [red [rat eater]], a representação arbórea é a de (7).



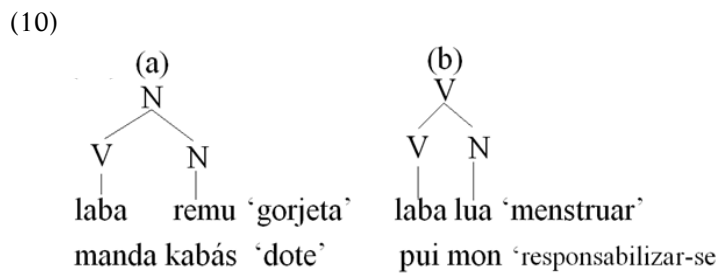
Porém, se a interpretação for [[red rat] eater], a representação será como se vê em (8).



O mesmo princípio pode ser aplicado aos compostos guineenses. Alguns casos podem ser facilmente analisados assim, como é o caso de *omi minjer* (homossexual masculino), *minjer omi* (homossexual feminino), *omi garandi* (ancião) e *minjer garandi* (anciã). Vejam-se as representações de (9).

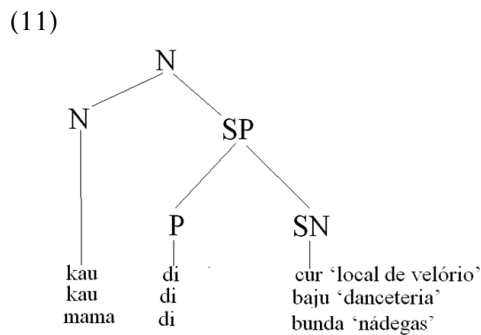


Nos exemplos de (9), o complexo não mudou de categoria e o núcleo semântico se manteve. No entanto, na maioria dos casos há mudança nos dois. É o caso de *laba-remu* (gorjeta), *manda-kabás* (dote), representados em (10a). Em *laba-lua* (menstruar) e *pui-mon* (responsabilizar-se), representados em (10b), a categoria verbal se manteve.



Permanecendo a categoria verbal no complexo, a tendência é ele ser transparente, ou semitransparente (10b). De qualquer forma, devemos ter cuidado, uma vez que os exemplos ainda são poucos.

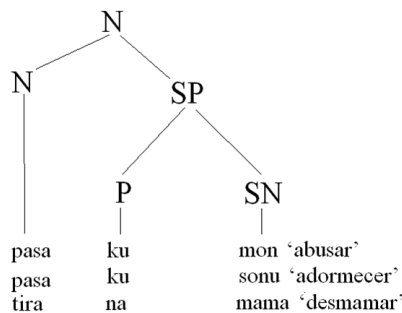
A representação arbórea pode dar a entender que o critério sintático é decisivo. Vejamos os exemplos de (11).



O simples fato de o complexo estar dominado por N não nos deve levar sofregamente a determinada conclusão. Com efeito, subordinar o complexo à categoria N foi uma decisão dos analistas. Alguém poderia alegar, e não inteiramente sem razão, que em lugar de N deveria estar SN.

Os exemplos de (11) contêm todos a preposição *di* (de). Em (12) temos exemplos de construções como semelhantes que contêm outros tipos de preposição.

(12)



8. Comentários

Poder-se-ia alegar que, se a representação sintática é manipulável (pois se baseia na interpretação que o analista atribui ao complexo), a semântica também o seria. Nós somos de opinião de que nem tanto. O critério semântico não permite manipulação. Há um certo consenso sobre o significado das palavras, ou sobre o referente delas. Por mais subjetiva que a pessoa seja, dificilmente discordaria do fato de que a palavra “árvore” se refere à coisa árvore. Não há lugar para manipulação. Se alguém tentar fazê-lo, não se comunicará, ou provocará mal-entendidos.

A aquisição de L1 nos fornece algumas evidências. Aninha, por exemplo, por volta de 1;5,25 produzia as formas [kafu-papai] ‘carro do papai’ e [kafu-mamã] ‘carro da mamã’, ao lado das palavras simples [kafu] ‘carro’, [papai] ‘meu pai’ e [mamã] ‘minha mãe’ (Couto 2002: 34). Ela utilizou esses dois complexos para se referir a dois carros inteiramente diferentes um do outro, eram nomes próprios. Por outras palavras, parece que [kafu-papai] e [kafu-mamã] devem ser considerados como dois compostos, não duas frases. A propósito, Clark (1993) mostra que a composição é um dos primeiros processos morfológicos a emergir na ontogênese da língua. Presume-se que o seja também na filogênese. Tanto que muitos afixos (se não todos) provêm de

formas plenas. Um bom exemplo em português é “haveréi”, que é “haver + heí”.

Em síntese, para se averiguar se determinado complexo de palavras é um único item lexical (composto), o primeiro passo deve ser o semântico, ou seja, se ele se refere a uma única coisa ou único ato, ou um complexo visto como unidade. Só de pois disso, podemos recorrer ao critério distribucional (sintático). Nenhum dos dois é suficiente. No entanto, o sintático por si só é menos suficiente. Aliás, a representação sintática em forma de árvore só pode ser estabelecida se já sabemos a que o complexo se refere.

O problema do limite entre “palavra composta” e “frase feita” é realmene complexo. Lieber (1992) afirma que “se sabe bem que não há nenhum critério inequívoco para identificar compostos em inglês”. O mesmo vale para o guineense e para o português.

Não só os exemplos de (8), mas também os de (9), figuram no *Dicionariu guinensi-purtugis*, de Luigi Scantamburlo (Lisboa: FASPEBI, 2002), como entradas lexicais independentes, exceto o último (*na roda di* ‘à volta de, ao longo de’), que o autor chama, como na tradição gramatical, de “locução prepositiva”. No entanto, se *duensa di pe moli* ‘paralisia infantil’ (9d) pode ser considerado uma palavra composta, por que *na roda di* não pode? Em inglês *na roda di* poderia ser traduzido como “around.”

9. Observações finais

É bem verdade que não conseguimos apresentar uma critério irrefutável e definitivo para se dizer se um complexo vocabular é palavra composta ou frase. Nesse sentido, não avançamos nada em relação ao que a gerativista Rochelle Lieber já constatara. Nossa contribuição ao debate, se alguma houve, foi ter feito um convite a retomar o critério semântico. Ele tem merecido muito pouca atenção com o advento da era sintaxocêntrica. Cremos ter mostrado que, na verdade, tanto a sintaxe quanto a semântica são indispensáveis no estudo não só dos compostos, mas de qualquer aspecto da língua. Cremos, outrossim, ter mostrado que a semântica tem precedência sobre a sintaxe, vale dizer, a ordem da investigação deve ir da primeira para a segunda.

Referências

- Ali, M. Said. 1969. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 8ª. ed.
- Arnault & Lancelot. 1969. *Grammaire générale et raisonnée contenant les fondements de l'art de parler*. Paris: Republications Paulet (1ª. ed. 1830).
- Chomsky, Noam. 1957. *Syntactic structures*. Haia: Mouton.

- Clark, Eve. 1993. *The lexicon in acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Couto, Hildo Honório do. 1994. *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburgo: Helmut Buske Verlag.
- _____. 1999. A reduplicação em português. *Lusorama* 40.29-49.
- _____. 2000. A reduplicação nos crioulos portugueses. In: *Crioulos de base portuguesa – Actas do Workshop sobre crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, p. 61-80.
- _____. 2002. *Aquisição de L1 por Aninha: uma visão ecológico-interacional*. Revista Planalto – linguística 1. 6-54.
- _____. 2007. *Ecolinguística – estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesruaus.
- _____. Doneux, Jean Léonce & Jean-Louis Rougé (1988). *En apprenant le créole à Bissau ou à Ziguinchor*. Paris: L'Harmattan.
- Kihm, Alain. 1994. *Kriyol syntax*. Amsterdam: Benjamins.
- Lieber, Rochelle. 1992. *Deconstructing morphology*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Melo, Maria Aparecida Curupaná da Rocha. 2007. *A questão da produtividade morfológica no guineense*. Universidade de Brasília: Tese de Doutorado.
- Monteiro, José Lemos. 2002. *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 4^a. ed.
- Pereira, Eduardo Carlos. 1958. *Gramática expositiva*. São Paulo: Cia. Ed. Nac, 113^a ed.
- Pinker, Steven. 2000. *Words and rules*. New York: Perennial.
- Scantamburlo, Luigi. 1981. *Gramática e dicionário da língua crioula da Guiné-Bissau (GCr)*. Bolonha: Editrice Missionaria Italiana.
- _____. 1999. *Dicionário do guineense I: Introdução e notas gramaticais*. Lisboa/Bubaque: Colibri/FASPEBI.
- Wittgenstein, Ludwig. 1968. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional / EDUSP.